

A LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA COMO PRESERVAÇÃO CULTURAL

Joana Cecília Silva Ribeiro

Universidade Estadual de Goiás – UEG/UnU Porangatu

Marcela Matos Ramalho

Universidade Estadual de Goiás – UEG/UnU Porangatu

Douglas de Barros Silva Garção

Universidade Estadual de Goiás – UEG/UnU Porangatu

Marcos Paulo Leite dos Santos

Universidade Estadual de Goiás – UEG/UnU Porangatu

Luis Rafael da Silva Valadão

Universidade Estadual de Goiás – UEG/UnU Porangatu

INTRODUÇÃO

Quando se fala sobre cultura indígena é notório a necessidade de valorização da literatura indígena, sua cultura e costumes em geral. A priori, deve-se entender que a invisibilidade a qual são submetidos por questões políticas, sociais e culturais resultam em submissão da população indígena brasileira. Este artigo pretende considerar a necessidade de valorização da cultura indígena, dentro da diversidade cultural do Brasil, que se faz imprescindível um maior destaque para a literatura dos povos originários produzida, por eles.

A falta de conhecimento possibilita o esquecimento dessa diversidade cultural, portanto, é essencial que os diversos autores indígenas continuem sua luta para trazer à tona a realidade desses povos, destacando a resistência e persistência através da literatura no Brasil e, que possam contar com o apoio cultural brasileiro, seja com divulgação, incentivos governamentais e na inserção da literatura indígena dentro das salas de aulas.

Dessa forma, justifica-se esse trabalho pela necessidade urgente de valorização e preservação da cultura indígena brasileira, especialmente sua literatura. Teoricamente, este estudo contribui para a ampliação do conhecimento sobre a literatura indígena, destacando sua

importância e singularidade. Na prática, busca-se promover o respeito e a valorização das vozes indígenas, que frequentemente são silenciadas.

Este trabalho norteia-se na necessidade de intervir na desvalorização da cultura indígena, mostrando a importância de entender e valorizar a literatura do povo indígena, o estudo visa sensibilizar a sociedade para a importância da preservação cultural e educacional dos povos indígenas, incentivando políticas públicas e ações que promovam a inclusão e valorização dessas culturas. Este trabalho possui limitações quanto à extensão e profundidade, uma vez que a literatura indígena é vasta e diversificada. A pesquisa pode não abranger todas as nuances e variações existentes dentro das diferentes culturas indígenas do Brasil.

Quanto a metodologia utilizada, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, a qual foi realizado um levantamento bibliográfico, leitura e análise crítica, organização e sistematização das obras, a utilização de jornais, vídeos e sites verificados. Conforme Mazucato define por “[...] pesquisa bibliográfica vincula-se à leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, manuscritos, relatórios, teses, monografias etc. (ou seja, na maioria das vezes, dos produtos que condensam a confecção do trabalho científico)” (2018, p.66).

O artigo se divide em duas partes, primeiro sobre a importância da literatura brasileira e a segunda parte sobre a literatura indígena. Nessa segunda parte, ela é subdividida em dois momentos: um breve apanhado sobre como surgiu a literatura indígena e, em segundo momento, um apanhado dos autores indígenas e um pouco de suas obras.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA BRASILEIRA

A literatura brasileira desempenha um papel fundamental na construção da identidade cultural e histórica do país. Desde os tempos coloniais, a literatura tem sido uma ferramenta poderosa para refletir sobre a sociedade, documentar eventos históricos e expressar a diversidade cultural do Brasil, ganhando força a partir da emancipação colonial. Assim,

A relação entre discurso literário e identidade nacional, por mais que possa parecer natural ou inevitável, é uma construção relativamente recente. Assim como o conceito de ‘nação’, que é hoje visto como uma criação do século XVIII, a noção de ‘literatura nacional’ originou-se na virada deste para o século XIX, particularmente com os românticos alemães, que divulgaram a ideia de que uma literatura se define pela sua afiliação nacional, e pelo fato de que deve incorporar o que se entendia como as características específicas de uma nação. (Coutinho, 2002, p.54).

Nesse contexto, autores como Machado de Assis e Clarice Lispector utilizaram suas obras para explorar as complexidades da sociedade brasileira, abordando temas como desigualdade, racismo e identidade. Obras literárias documentam eventos históricos e tradições culturais, ajudando a preservar a memória coletiva do país, e aproximando, de modo mais dinâmico e apreciável, a História dos leitores.

Além da literatura brasileira ser rica em diversidade, reflete as múltiplas influências culturais que compõem a sociedade brasileira, incluindo africanas, europeias e indígenas; sim tudo no plural. Ela tem sido usada como uma forma de resistência contra a opressão e a injustiça, dando voz a grupos marginalizados e promovendo a luta por direitos sociais. “Nascidos dessa necessidade de afirmação e visibilidade da cultura negra, que por tanto tempo foi solapada, grupos de escritores afro-brasileiros surgem reivindicando uma identidade cultural [...]” (Carmo, 2010, p.201). Mediante o cenário é perceptível que a maior parte da influência reside nos escritos europeus (portugueses) mas com o tempo e com as relações étnico-raciais mais agudas, é sentido que a sociedade brasileira entende e absorve aspectos da literatura africana, afro-brasileira e indígena, mesmo que em menor grau.

A LITERATURA ÍNDIGENA

No cenário contemporâneo, a literatura indígena brasileira tem ganhado destaque como uma forma vital de expressão cultural e de resistência. Além de preservar as tradições e memórias dos múltiplos povos indígenas, mas também desafia as narrativas históricas dominantes e promove o reconhecimento dos direitos. Ela é uma extensão da tradição oral, preservando histórias, mitos e conhecimentos ancestrais que são passados de geração em geração. Escritores indígenas utilizam a literatura como uma forma de resistência cultural, reafirmando sua identidade e lutando contra a marginalização e o apagamento histórico.

Assim a produção literária indígena oferece uma perspectiva alternativa à História oficial, destacando as contribuições e as experiências dos povos indígenas no Brasil. E frequentemente reflete a coletividade e a ancestralidade, enfatizando a conexão profunda entre os indivíduos e suas comunidades.

As décadas de 70 e 80 do século XX foram marcantes para os povos indígenas do Brasil, pois tem início um processo de consciência política, de organização social e de luta para a garantia de seus direitos. O movimento indígena brasileiro começou como um

esforço coletivo entre lideranças, povos e organizações que colocaram em pauta uma agenda de luta em comum pela terra, pela saúde, pela educação, pela cultura e por outros direitos fundamentais. (Baniwa, 2006 *apud* Carvalho; Santos, 2023, p.2).

Esse período de intensa mobilização e organização social foi crucial para a visibilidade e o reconhecimento dos direitos indígenas. No entanto, foi apenas na década de 1990 que a literatura indígena começou a emergir como uma forma de expressão cultural e resistência “Nesse contexto de politização, o Movimento Indígena fortaleceu, a partir da década de 1990, a necessidade de uma literatura efetivamente indígena, escrita e narrada[...]” (Precioso; Marangon, 2024, p.17) pelos próprios povos originários, através da escrita, passaram a registrar suas histórias, tradições e lutas, contribuindo para a preservação de sua identidade e memória coletiva “Partindo, portanto, desse pressuposto, em que a literatura indígena produz uma nova voz-práxis militante, nascida da oralidade, transformada em escrita[...]” (Precioso; Marangon, 2024, p.15).

Com o surgimento da literatura indígena, houve um desenvolvimento progressivo na sociedade brasileira, resultando na criação de algumas políticas públicas voltadas para essa população. Essas políticas buscaram atender às demandas por terra, saúde, educação e cultura, refletindo as reivindicações históricas do movimento indígena. No entanto, apesar desses avanços, a invisibilidade e a marginalização dos povos originários continuaram a ser desafios persistentes.

A literatura indígena, portanto, não apenas documenta as experiências e as lutas dos povos originários, mas também serve como uma poderosa ferramenta de resistência e afirmação sociocultural. Ela permite que as vozes indígenas sejam ouvidas e reconhecidas, promovendo uma maior compreensão e valorização de sua rica herança cultural, desse modo, “Fazer literatura indígena é uma forma de compartilhar com os parentes e com os não indígenas a nossa história de resistência, a nossas conquistas, os desafios, as derrotas, as vitórias [...]” (Graúna, 2012, p.275).

Na atualidade, a diversidade cultural dos povos indígenas é uma riqueza indescritível, heranças que são passadas de geração em geração. Sendo assim, a literatura indígena no Brasil, tem o intuito de não deixar findar todas essas tradições, memórias e valores, fazendo com que no decorrer do tempo, todas elas sejam lembradas de forma verídica, e a escrita é um dos métodos que mais tem sido referência.

Assim, não se pode deixar de ressaltar a necessidade de disseminar a literatura indígena na sociedade brasileira. Pois ela, é uma temática que quase não é trabalhada, mas que é de suma importância para a formação do conhecimento. O ideal é dar voz aos povos indígenas, no Brasil e no mundo, com uma visão memorável e que o tempo não permita o esquecimento dessa diversidade cultural e, que os diversos autores indígenas continuem a sua luta de trazer a realidade desses povos, a resistência e persistência através da literatura indígena no Brasil, “Ao entender os aspectos que influenciaram seu surgimento, é possível compreender a importância desses documentos e sua contribuição para a cultura nacional.” (França; Silveira, 2014, p.75).

Sendo importante a difusão dos diversos saberes, uma forma de preservar conhecimentos ancestrais, de forma oral, agora também escrito, como forma de resgatar seus saberes passados de geração em geração e preservarem através da literatura indígena, tanto como preservação cultural, mas também um ato de resistência. A formação e expansão da literatura indígena na sociedade, proporciona autonomia aos povos originários, que por meio dela, transmitem sua diversidade cultural. Ela vem ganhando força aos poucos, por meio de diversos autores indígenas, rompendo e modificando o pensamento crítico do ser humano, trazendo um olhar requintado das riquezas culturais dos povos originários. Possibilitando a reconstrução de memórias indígenas, modificando o olhar preconceituoso e estigmatizante sobre a diversidade cultural.

ESCRITORES INDÍGENAS

Dentre os nomes em destaque na Literatura Indígena, encontra-se o de Daniel Munduruku, um dos mais conhecidos escritores indígenas do Brasil. Munduruku tem uma vasta obra que inclui contos, romances e livros infantis, entre eles, o livro “Histórias de índio”. Ele é um defensor ativo dos direitos indígenas e utiliza sua escrita para promover a cultura e a história dos povos indígenas.

Em uma entrevista para o site Brasil de Fato, Daniel Munduruku, diz as motivações que o faz escrever e porque escreve, veja a seguir:

Então, costumo dizer que eu escrevo por dois motivos. Um, eu escrevo por egoísmo. Na verdade, escrevo para não esquecer as coisas que eu vivi, a minha memória de vida, é uma forma de mantê-la viva dentro de mim mesmo. Portanto, escrever é um ato de egoísmo nesse sentido. O segundo motivo é por engajamento. (Munduruku, 2021a).

Essa declaração de Munduruku revela a profundidade de sua conexão com a escrita, que vai além de uma simples atividade literária. Para ele, escrever é um meio de preservar suas memórias e experiências pessoais, garantindo que sua história e a de seu povo, não sejam esquecidas. Ao mesmo tempo, sua escrita é um ato de engajamento político e social, uma forma de lutar pelos direitos dos povos indígenas e de educar a sociedade sobre a riqueza e a importância das culturas indígenas.

Em seu livro “Contos Indígenas Brasileiros” Daniel Munduruku reúne uma coletânea de histórias tradicionais de diversos povos indígenas do Brasil. O autor utiliza a literatura como uma ferramenta de resistência cultural, reafirmando a identidade indígena e desafiando as narrativas históricas dominantes. Os contos presentes no livro não apenas preservam as histórias e mitos ancestrais, mas também educam e sensibilizam os leitores sobre a importância da diversidade cultural e do respeito às tradições indígenas. Através de sua escrita, Munduruku “enfeitiça” e embriaga os leitores, transportando-os para um mundo onde a palavra tem o poder de criar heróis e monstros, e de dar sentido ao nosso estar no mundo, “Assim é a palavra, que flui em todas as direções e sentidos e que influenciou e influencia todas as sociedades ao longo de sua história.” (Munduruku, 2021b, p.8), refletindo na profundidade e na magia da palavra escrita, especialmente no contexto das culturas indígenas. A palavra, como descrita por Munduruku, é um veículo poderoso que conecta o presente ao passado, preservando memórias e tradições ancestrais. (Munduruku, 2021b).

Outro nome renomado é Ailton Krenak, líder indígena, escritor, ambientalista, filósofo, poeta e agora imortal da Academia Brasileira de Letras (2023). Sendo conhecido por suas obras que abordam a relação dos povos indígenas com a natureza e a luta por direitos. Nascido na região do Médio Rio Doce, em Minas Gerais, Krenak, como é mais conhecido, é uma das figuras mais influentes do movimento indígena no Brasil, começou sua trajetória no movimento indígena na década de 1980, dedicando-se à luta pelos direitos dos povos indígenas. Em 1985, fundou a organização não governamental Núcleo de Cultura Indígena, que visa promover a cultura indígena, ele também participou da Assembleia Nacional Constituinte de 1988, onde fez um discurso histórico pintando o rosto com tinta preta de jenipapo, um gesto de protesto contra o retrocesso nos direitos indígenas.

Ailton Krenak é autor de várias obras importantes que abordam a relação dos povos indígenas com a natureza e a luta por direitos. Entre seus livros mais conhecidos estão "Ideias

para adiar o fim do mundo", "O amanhã não está à venda" e "A vida não é útil". Suas obras são amplamente reconhecidas por trazerem uma perspectiva indígena sobre questões ambientais e sociais.

Em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* Ailton Krenak convida o leitor a refletir sobre a relação entre humanidade e natureza, e a importância de reconhecer e valorizar as diversas culturas e saberes que coexistem no planeta. “Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo.” (Krenak, 2019, p.30-31). Destacando a riqueza das culturas indígenas e a necessidade de uma visão mais inclusiva e holística do mundo, Krenak argumenta que a humanidade ocidental frequentemente se vê como o centro do universo, ignorando a sabedoria e as práticas de outros povos que têm muito a ensinar sobre viver em harmonia com a natureza. (Krenak, 2019).

Ele critica a visão antropocêntrica que coloca o ser humano acima de outras formas de vida e sugere que essa perspectiva é responsável por muitos dos problemas ambientais e sociais que enfrentamos hoje. Através de suas palavras, Krenak ressalta que o ser humano é apenas uma parte de um todo maior e que a diversidade cultural é essencial para a sobrevivência e o bem-estar do planeta. Ele encoraja a aprender com as narrativas e práticas dos povos indígenas, que possuem uma compreensão profunda e respeitosa da natureza e de seu papel dentro dela. (Krenak, 2019).

Outro nome de destaque é Eliane Potiguar, escritora e ativista, é autora de várias obras que exploram a identidade e a resistência indígena. Seu livro “Metade cara, metade máscara” é um exemplo de como a literatura pode ser uma ferramenta de empoderamento e conscientização. Entre muitos outros escritores, como Auritha Tabajara, Edson Krenak, Edson Kayapó, Cristino Wapichana, Davi Kopenawa, Kaká Werá Jekupé, Lia Minápoty, entre outros, fomentam a cultura literária indígena, na luta contra o esquecimento, a marginalização e os preconceitos. Contribuindo consideravelmente para a literatura brasileira e a valorização das culturas indígenas. Suas obras são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude disso, a expansão da literatura indígena proporciona autonomia aos povos originários, permitindo a transmissão de sua diversidade cultural e a reconstrução de memórias. Este movimento literário tem o potencial de modificar o pensamento crítico e combater preconceitos, promovendo um olhar mais inclusivo e respeitoso sobre a diversidade cultural. Para futuros pesquisadores, este trabalho sugere a continuidade da investigação sobre a literatura indígena e sua influência na sociedade brasileira, explorando novas questões que ultrapassam os limites aqui analisados. A valorização da cultura indígena é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

REFERÊNCIAS

- CARMO, Jairo Moratório do. A inserção da cultura negra na literatura brasileira como forma de resistência: o sentimento quilombista no conto “Dublê de Ogum”, de Cidinha da Silva. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, n.19, p. 200- 204, 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/download/7847/6882>. Acesso em: 02 out. 2024.
- CARVALHO, Eliana Márcia dos Santos; SANTOS, Renata Lourenço dos. Literatura Indígena: Entre Memórias. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 39, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/t89qs8VFNXD66bM5Jg3NM5J/>. Acesso em: 20 set. 2024.
- COUTINHO, Eduardo F. Discurso Literário e construção da identidade brasileira. **Revista Léguas e Meia**: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana, BA, n. 1, p. 54-63, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/1714/1150>. Acesso em: 01 out. 2024.
- FRANCA, Aline; SILVEIRA, Naira Christofolletti. A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira. **TransInformação**, Campinas, v. 26, p.67-76, jan./abr.2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/Sw9dF3yQ43JZRZgR7mktWQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 out. 2024.
- GRAÚNA, Graça. Literatura Indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto. **Educação & Linguagem**, Fortaleza- CE, v.15, n.25, p. 266-276, jan.-jun. 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/download/46495604/Lit_Indigena_no_Brasil_Graca_Grauna_na_ABL.pdf. Acesso em: 01 out. 2024.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 85p.

MUNDURUKU, Daniel. **Os povos indígenas são a última reserva moral dentro desse sistema.** Brasil de Fato. São Paulo, 17 out. 2021a. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/17/daniel-munduruku-os-povos-indigenas-sao-a-ultima-reserva-moral-dentro-desse-sistema> . Acesso em: 19 set. 2024.

MUNDURUKU, Daniel. **Contos Indígenas Brasileiros.** Global Editora. São Paulo. 2021b. MAZUCATO, Thiago (org.). **Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico.**

Penápolis: Editora Fundação Educacional de Penápolis (FUNPEPE), 2018.

PRECIOSO, Adriana Lins; MARANGON, Igor. Literatura indígena e teoria literária: a análise de uma voz práxis militante. **Revista Contexto**, Vitória – ES, n. 45, p.13- 28, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/43859/30786>. Acesso em: 30 set. 2024.